



MODA, CORPO E AFIRMAÇÃO: DESIGN ADAPTÁVEL PARA VESTIBILIDADE TRANSFEMININA

Fashion, Body, and Affirmation: Adaptive Design for Transfeminine Fit

Barbosa, Henri; Graduanda; Centro Universitário Armando Álvares Penteado; henri.barbs@gmail.com¹
Schmitt, Juliana; PhD; Centro Universitário Armando Álvares Penteado; juschmittju@gmail.com²

Resumo: O artigo, parte de um TCC de Moda em andamento, propõe uma reflexão sobre os desafios enfrentados por pessoas transfemininas no ato de se vestir, como disforia, passabilidade, ausência de representação e modelagens inadequadas. Discute-se como a moda pode ser ressignificada como ferramenta de acolhimento, autonomia e expressão identitária. Propõe-se, como resposta, o desenvolvimento de peças adaptáveis, ergonômicas e sensíveis às especificidades desses corpos, com soluções projetuais que respeitem proporções, subjetividades e desejos.

Palavras chave: moda inclusiva; transfeminilidade; design adaptável.

Abstract: This article, part of an ongoing Fashion undergraduate thesis, reflects on the challenges faced by transfeminine individuals when dressing, such as dysphoria, passability, lack of representation, and inadequate garment modeling. It discusses how fashion can be redefined as a tool for care, autonomy, and identity expression. As a response, it proposes the development of adaptable and ergonomic clothing, sensitive to the specificities of these bodies, with design solutions that respect their proportions, subjectivities, and desires.

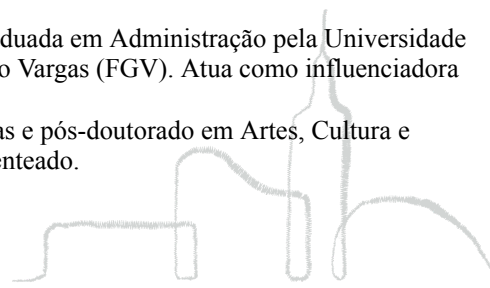
Keywords: inclusive fashion; transfemininity; adaptive design.

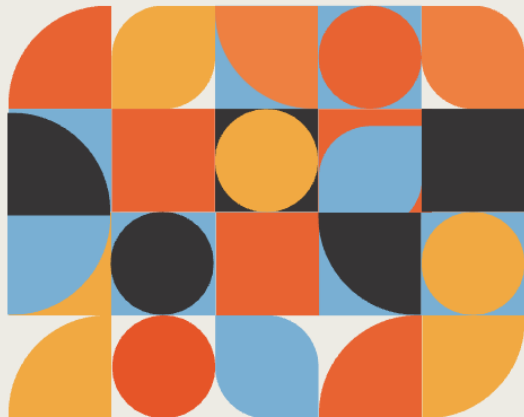
Introdução

A roupa atua como mediação entre corpo e sociedade. Para um corpo transgênero, essa função é ainda mais exacerbada: ato de vestir-se ultrapassa o gesto cotidiano e adquire uma dimensão complexa, envolvendo

¹ Graduanda em Moda pelo Centro Universitário Armando Álvares Penteado (FAAP), graduada em Administração pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e pós-graduada em Gestão Comercial pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Atua como influenciadora (@henri.barb) e produtora de conteúdo na área de moda.

² Historiadora com mestrado em Moda, Cultura e Artes e em História, doutorado em Letras e pós-doutorado em Artes, Cultura e Linguagens. É professora no curso de Moda do Centro Universitário Armando Álvares Penteado.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

identidade, segurança, passabilidade³ e subjetividade. Enquanto a moda convencional reproduz padrões cisnormativos e binários, pessoas trans são frequentemente excluídas das práticas projetuais e mercadológicas, sendo forçadas a adaptar vestimentas que não foram pensadas para suas especificidades. Sua ausência, inadequação ou rejeição por parte da indústria evidencia uma violência simbólica. O corpo trans, ao ser constantemente ocultado nas estruturas produtivas da moda, torna-se também um corpo silenciado. Nesse contexto, o vestuário, além de linguagem estética, se torna campo de enfrentamento simbólico e político, exigindo respostas técnicas do design.

A ausência de modelagens que respeitem proporções corporais transfemininas, aliada à pressão por passabilidade e vivências marcadas por disforia, evidencia uma lacuna crítica na indústria da moda. Elementos como a técnica de “aquendar”⁴, o uso de roupas como “pele têxtil” e a busca por conforto e proteção revelam necessidades não só funcionais, mas também identitárias e subjetivas. Esses corpos operam uma metamorfose simbólica e física que exige do design de moda mais do que estética: requer escuta, adaptação e reparação simbólica.

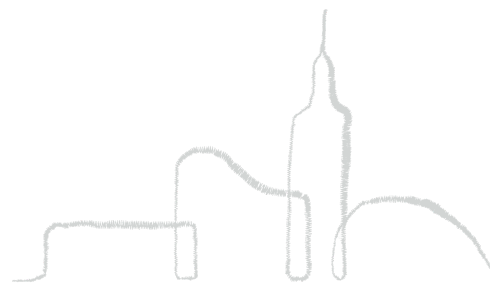
Este artigo é parte de um Trabalho de Conclusão de Curso de Moda que propõe refletir sobre tais desafios e apresentar uma proposta de coleção adaptável, com foco em conforto, ergonomia e liberdade para corpos transfemininos. O objetivo não é apenas vestir, mas construir pertencimento.

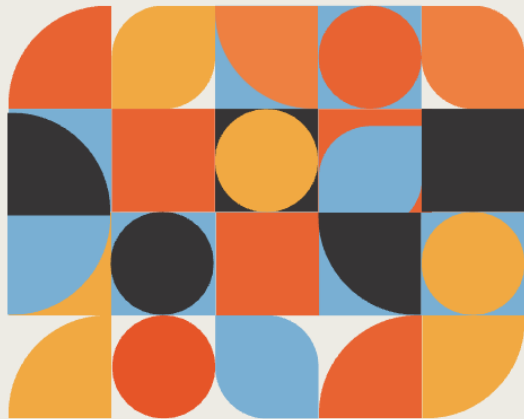
Identidade, disforia e o corpo como projeto

A construção da identidade de gênero para pessoas transfemininas envolve negação da identidade imposta e afirmação de uma nova forma de existir. Bezerra (*apud* Holanda, 2019, p. 50) aponta que “mulheres trans e travestis constroem suas características a partir da identificação com o feminino”. Esse processo pode envolver hormonioterapia, uso de próteses, cirurgias ou o *tucking* — técnica temporária de ocultação genital.

³ Capacidade de uma pessoa trans ser percebida como cisgênero no convívio social.

⁴ Ato de esconder os genitais, como forma de afirmar uma expressão de gênero feminina.





Esse percurso é atravessado por disforias, que não se limitam à genitália, mas incluem traços faciais, proporções corporais e principalmente o modo como o corpo é vestido. Ceccarelli (*apud* Holanda, 2019, p. 51) afirma que “o corpo é o meio fundamental que elas têm para alcançar, após uma intervenção sobre ele, o reconhecimento de sua identidade de gênero.” Le Breton (*apud* Fabri, 2015, p. 4) complementa: “A anatomia não é mais um destino, mas uma matéria-prima a modelar, a redefinir, a submeter ao design do momento”.

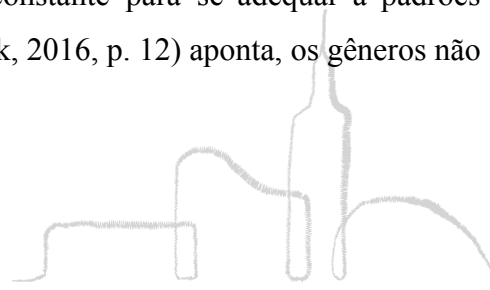
A busca pela passabilidade, embora muitas vezes relacionada ao desejo de segurança, é também reflexo da precariedade do pertencimento. A inadequação constante impõe não apenas a escolha estética, mas uma economia afetiva que estrutura o cotidiano de quem precisa ser lida de forma específica para ser respeitada. Assim, vestir-se torna-se um código de sobrevivência mais do que de expressão livre.

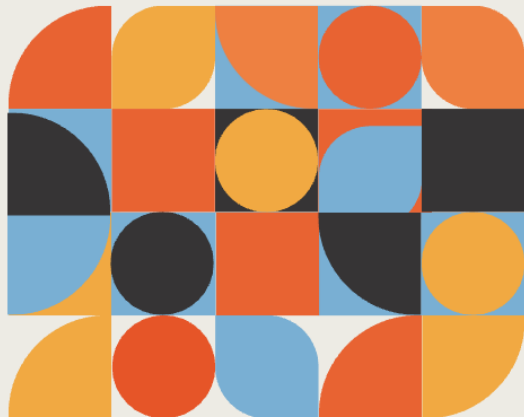
O corpo trans, portanto, é um projeto contínuo de si. Marques e Mayrink (2016, p. 12) destacam que “o não alinhamento com uma das escassas opções de construção do gênero implica uma série de violências simbólicas, físicas e políticas”. A roupa, quando não respeita esse corpo em mutação, torna-se mais uma forma de silenciamento. A moda, portanto, deve atuar como aliada nesse processo, oferecendo soluções que respeitem essa arquitetura identitária em constante reinvenção.

Moda, passabilidade e invisibilidade social

Para muitas pessoas transfemininas, o vestir é uma estratégia de sobrevivência. Mais do que estética, trata-se de segurança, pertencimento e visibilidade. Em uma sociedade onde o reconhecimento está condicionado a códigos visuais binários, a passabilidade — ser lida socialmente como mulher — torna-se um mecanismo de proteção, mas também de aprisionamento. Meneses e Jayo (2024) afirmam que a passabilidade oferece um senso de conforto para a cisgeneridade, reforçando padrões normativos que validam determinadas identidades em detrimento de outras.

Essa aceitação condicional impõe à mulher trans um esforço constante para se adequar a padrões corporais cisnormativos. Mas, como Judith Butler (*apud* Marques; Mayrink, 2016, p. 12) aponta, os gêneros não





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

são expressões naturais, mas sim efeitos de verdade produzidos por discursos sobre identidades consideradas estáveis e primárias — ou seja, construções performativas que se repetem e se legitimam ao longo do tempo.

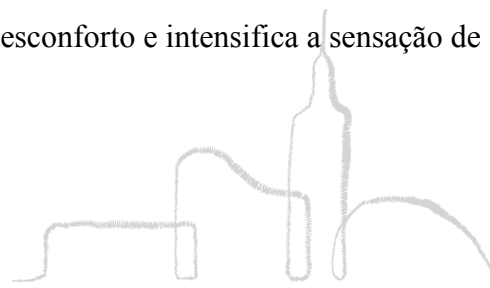
Como observam Marques e Mayrink (2016), mulheres trans constroem, por meio das roupas, códigos identitários que não são fixos, mas se constituem como processos contínuos de criação e emancipação. Quando o design de moda ignora essas dinâmicas e não oferece soluções específicas, compromete-se não apenas a função estética da roupa, mas sua capacidade simbólica. O não-projeto revela-se como uma forma de apagamento: ao não reconhecer esses corpos em sua pluralidade, a moda também silencia as narrativas que poderiam ser afirmadas no têxtil.

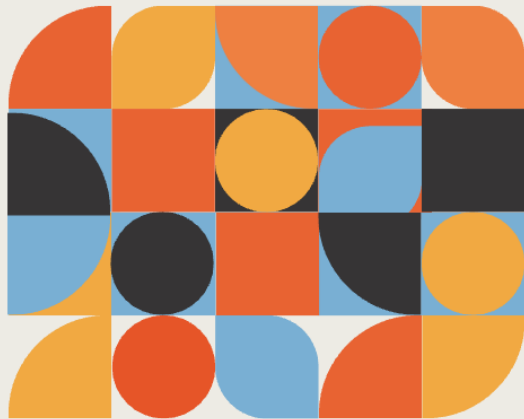
A moda, ao reforçar fronteiras rígidas de gênero, frequentemente atua como reguladora da identidade. Fabri (2015) observa que até figuras transgressoras como travestis e *drag queens* foram progressivamente reelaboradas pela lógica da beleza cisnormativa, demonstrando que a inclusão oferecida pelo mercado é condicionada ao padrão promovido pela cultura de massas. Assim, roupas para corpos trans ainda são, em sua maioria, adaptações de peças cis, pouco funcionais e muitas vezes desconfortáveis.

Como apontam Marques e Mayrink (2016, p. 12), “o não alinhamento com uma das escassas opções de construção do gênero implica uma série de violências simbólicas, físicas e políticas”. Nesse contexto, o vestuário, longe de ser apenas funcional, torna-se instrumento de resistência — capaz de afirmar uma identidade dissidente e construir novos modos de existir socialmente.

Vestir o corpo trans: “pele têxtil”, “aquendar” e ergonomia no vestir

A roupa, quando projetada de forma sensível, pode funcionar como extensão do corpo e da identidade, revelando modos de ser, sentir e habitar o mundo (Fabri, 2015, p. 34). Ou seja, o que Peter Stallybrass (*apud* Marques; Mayrink, 2016, p. 8) definiu como uma “pele têxtil” — uma camada simbólica que acolhe, protege e comunica. No caso dos corpos trans, a ausência desse cuidado amplia o desconforto e intensifica a sensação de inadequação vivida por essas pessoas.





Soluções cotidianas desenvolvidas por mulheres trans, como o “aquendar”, evidenciam a carência de produtos projetados para esses corpos. Trata-se de uma técnica de reposicionamento da genitália, feita muitas vezes de forma improvisada e desconfortável. Sua popularização não se deu por escolha estética, mas por necessidade — uma resposta à falta de roupas que acolham a diversidade anatômica. Existem poucas marcas atentas à essas demandas, como por exemplo, a Trucss, marca nacional criada por Silvana Truccs, que lançou calcinhas específicas para mulheres trans, em diversos modelos, com reforço frontal e modelagem inclusiva. Mas essas iniciativas ainda são escassas.

Esse vazio no mercado de moda reflete a negligência de seus sistemas projetuais. A maioria das roupas disponíveis parte da lógica cis, desconsiderando especificidades como ombros largos, quadris estreitos, variações de busto e genitália visível. A ergonomia, nesse cenário, oferece caminhos reais.

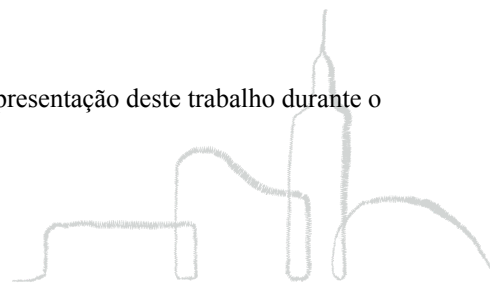
De acordo com Iida (*apud* Laranjeira *et al.*, 2018, p. 3), “a ergonomia prevê que os produtos sejam adaptados aos usuários – e não o contrário”. Isso implica modelagens que considerem entrepernas amplas, forros duplos, tecidos estruturados, bojos removíveis e aviamentos ajustáveis. Linden (*apud* Holanda, 2019, p. 79) completa que o conforto envolve aspectos físicos, fisiológicos e psicológicos — todos presentes no ato de vestir.

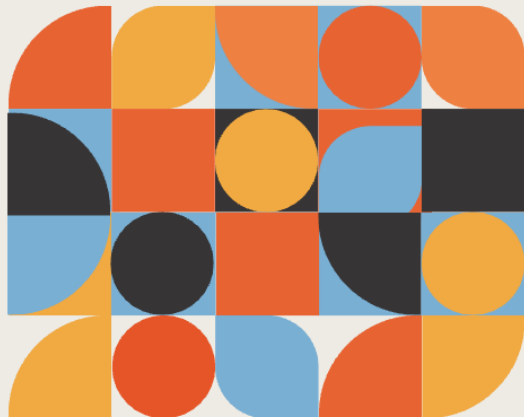
Pensar roupas como dispositivos de ergonomia afetiva e funcional é compreender o corpo trans em sua integralidade. Não basta cobrir: é preciso proteger, respeitar e libertar.

Proposta projetual como possibilidade de solução

A criação de uma coleção⁵ voltada a corpos transfemininos deve partir do reconhecimento de suas proporções, subjetividades e vivências. Não se trata de adaptar roupas cisnormativas, mas de projetar peças que respeitem variações anatômicas e respondam à disforia, à busca por passabilidade e à liberdade de expressão.

⁵As imagens das peças desenvolvidas a partir desta proposta projetual serão exibidas na apresentação deste trabalho durante o Colóquio de Moda 2025.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A proposta apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo valorizar a silhueta feminina desejada por muitas mulheres trans, considerando ombros mais largos, quadris estreitos e genitália visível. Na parte superior, elementos como ilhoses, fivelas ajustáveis, botões e tecidos com lastex permitem adaptabilidade ao tórax e aos ombros. A elasticidade desses materiais garante que uma mesma peça se acomode a diferentes formatos de corpo, respeitando variações sem perder estrutura ou estética.

Na parte inferior, o uso de tecidos encorpados ou duplos combinado com aplicações estratégicas — como babados, bordados ou volumes em 3D — atua suavizando visualmente a região da genitália. Tais recursos não comprimem, mas oferecem alternativa estética para quem deseja vestir-se com conforto e segurança, sem recorrer ao “aquendar”. As peças são pensadas para libertar, não para conter.

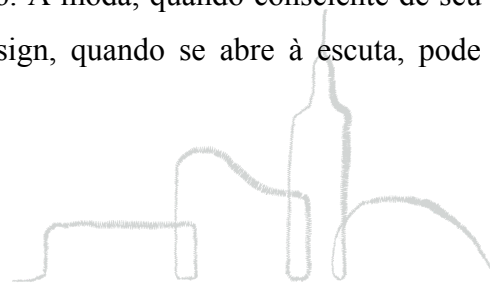
A coleção que estamos desenvolvendo não busca esconder ou disfarçar o corpo trans, mas propor soluções que acolham o desejo de passabilidade, segurança e expressão estética. A modelagem se ajusta ao corpo, não o contrário. É moda como cuidado, e design como gesto político.

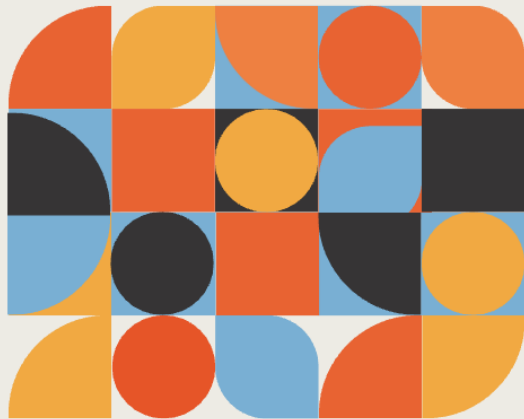
Considerações finais

Vestir-se, para pessoas transfemininas, é uma prática atravessada por identidade, desejo, dor e resistência. A moda, ao manter-se estruturada por lógicas cisnormativas, tem historicamente negado a esses corpos a possibilidade de existir com conforto e visibilidade. Este artigo apresentou uma crítica a esse apagamento e uma proposta concreta de solução projetual.

A coleção adaptável aqui sugerida propõe modelagens ergonômicas e sensíveis, que atendem às particularidades anatômicas e simbólicas dos corpos transfemininos. Por meio do uso de aviamentos ajustáveis, tecidos elásticos e aplicações localizadas, busca-se garantir conforto físico, passabilidade, autonomia e expressão de gênero.

Costurar peças que acolhem corpos trans é costurar pertencimento. A moda, quando consciente de seu papel social, deixa de ser tendência para tornar-se reparação. E o design, quando se abre à escuta, pode finalmente vestir o que até então havia sido deixado nu: a dignidade.





Além de oferecer um produto funcional, propor uma coleção voltada para a realidade de corpos transfemininos também é um ato de enfrentamento simbólico. Isso significa reconhecer, no próprio campo do design, uma responsabilidade em relação aos discursos que perpetua ou contesta. A moda, quando se dispõe a escutar e incluir, torna-se um veículo de construção cultural e subjetiva. Esse tipo de projeto também abre espaço para novas linguagens, técnicas e modelos de negócios comprometidos com diversidade e equidade. Mais do que uma coleção, o que se propõe é uma ruptura com a lógica que adapta corpos às roupas. Aqui, são as roupas que se adaptam aos corpos — porque vestir-se é, antes de tudo, existir.

Referências

- FABRI, Hécio José Prado. **Transgêneros na moda: design corporal e visibilidade “trans” na comunicação de moda**. Cadernos de Gênero e Tecnologia, v. 12, n. 35, 2018. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/9>. Acesso em: 6 junho 2025.
- HOLANDA, Alexandre Lima. **Tucking: desenvolvimento de uma peça de vestuário íntima para o público trans (MtF)**. 2019. Dissertação (Mestrado em Design de Moda) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2019. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/10521>. Acesso em 6 junho 2025.
- LARANJEIRA, Anita Poffo; MOREIRA, Bruna Tiani; PETRY, Camila; DICKIE, Isadora Burmeister; RIBEIRO, Marié Souza. **Mulheres trans, moda para todas**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 13., 2018, Joinville. Anais [...]. Joinville: Univille, 2018. Disponível em: https://pdf.blucher.com.br/designproceedings/ped2018/4.3_ACO_33.pdf. Acesso em: 6 junho 2025.
- MARQUES, Angela Cristina Salgueiro; MAYRNIK, Ana Luisa. **A potencialidade das roupas na expressão política e na subjetivação de mulheres trans**. Revista Novos Olhares, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 7-29, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2016.117490>. Acesso em: 6 junho 2025.
- MENESES, Emerson Silva; JAYO, Martin. **A passabilidade é um conforto cisgênero: moda, proteção e invisibilidade trans no pensamento artístico de Maria Lucas e Renata Carvalho**. Dobr@as, São Paulo, n. 41, p. 265-278, maio/ago. 2024. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1732>. Acesso em: 6 junho 2025.

